



A TRAJETÓRIA DE MÃES NA FÍSICA: UM OLHAR ATRAVÉS DOS RELATOS DE MULHERES NA FÍSICA E AS DIFICULDADES DE CONCILIAÇÃO ENTRE MATERNIDADE E CARREIRA

Bruna Dayana Lemos Pinto Ramos¹, Geisa Abreu Lira Corrêa dos Santos²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, blemospinto@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, geisalanis@gmail.com

Propósito

Ser mulher nas ciências ditas exatas, principalmente na Física, já é, por si só, um enorme desafio. Se associarmos todas as dificuldades que as mulheres passam por estarem em um ambiente majoritariamente masculino - tais como descredibilização, silenciamento e até assédio - à questão da maternidade, teremos ainda mais dilemas enfrentados por aquelas que decidem ser mães e tentam conciliar esta decisão a uma carreira acadêmica em Física. Ainda são comuns relatos de mulheres que ouvem “sugestões” para não engravidar ou que são abandonadas pelo orientador quando engravidam. Para este trabalho foram selecionados trechos de entrevistas de algumas mães físicas que tiveram problemas ao tentarem conciliar a maternidade e a carreira em uma área predominantemente masculina e competitiva como é o ambiente acadêmico da Física e, com isso, buscamos questionar esse sistema que exclui mulheres e, especialmente, mulheres mães.

Revisão da literatura

De acordo com Meyer, Dal’igna e Klein (2022) a maternidade tem se tornado um desafio cada vez maior para mulheres que se veem sobrecarregadas acumulando funções e demandas. Independente do contexto em que vivem, condições sociais e problemas pelos quais passam, as mulheres precisam “gerar e criar filhos equilibrados e saudáveis” (Meyer, Dal’igna e Klein, 2022, p. 35) e durante a pandemia essa sobrecarga se tornou maior e mais evidente.

Sendo assim, as mulheres se veem cada vez mais convidadas a abdicar da maternidade pela dificuldade de conciliar carreira, emprego e filhos ou viver com o eterno sentimento de

culpa por delegar (uma parcela) do cuidado dos filhos a outras pessoas (Iaconelli, 2023) mesmo que essa pessoa seja o próprio pai da criança.

Dentro deste contexto, trazemos a problemática da carreira acadêmica em Física que, por si só, impõe muitos desafios às mulheres, pois elas são a minoria nesse ambiente, representando cerca de 30% do corpo discente e 20% do corpo docente no Brasil (Britto, Menezes e Anteneodo, 2022). Além de sofrerem machismo e misoginia, a Física possui uma cultura extremamente competitiva sendo o mestrado e o doutorado etapas obrigatórias e que devem ser obtidas logo após a conclusão da graduação para quem deseja seguir uma carreira acadêmica. O artigo de Bezerra, Staniscuaski e Barbosa (2023) mostrou que 70% das mulheres na Física conclui o doutorado com idade entre 25 e 30 anos e quase a totalidade conclui até os 35 anos, o que faz com que, na maioria das vezes, a maternidade só ocorra após a conclusão do doutorado.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado de uma das autoras em que foram entrevistadas mulheres da Física em diferentes etapas da vida acadêmica. As mulheres selecionadas responderam um questionário prévio e aceitaram participar da segunda etapa da pesquisa. A pesquisa passou por aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 19 de maio de 2022 – CAAE: 57137522.6.0000.5582 – com parecer consubstanciado de número 5.419.439.

As entrevistas foram semiestruturadas onde haviam perguntas direcionadoras, mas outros assuntos poderiam ser discutidos de acordo com o interesse da entrevistada. As três mulheres aqui apresentadas falaram sobre o que passaram em suas formações na Física, porém neste trabalho trazemos o recorte das partes das entrevistas relacionadas à maternidade. Elas se tornaram mães em diferentes etapas da formação acadêmica: duas tiveram gravidez não planejada em momentos importantes da formação e uma postergou a gravidez para o final do doutorado. Todas relatam dificuldades e situações constrangedoras que passaram por conta da maternidade dentro do ambiente da Física e questionaram a falta de apoio dos departamentos e institutos para as mulheres que se tornam mães. Foram atribuídos nomes fictícios para preservar a identidade das participantes.

Resultados

Mileva, 33 anos, planejou engravidar ao final do doutorado, quando achou que seria o momento mais tranquilo de sua vida. Ela relata uma preocupação com a idade para a tomada dessa decisão, pois afirma que aos 30 anos ainda não havia passado em um concurso e se esperasse, talvez só tivesse filhos aos 40 anos. E mesmo planejando, ela precisou abrir mão de estudar para concursos e optou por um emprego com bolsa dentro da universidade para poder ter maior flexibilidade com sua bebê, conforme afirma:

“Aqui é 40 horas semanais, né? Só que pra mim, eu optei por vir pra cá, [...] Porque aqui ainda a gente tem um vínculo com o ‘bolsismo’ (sic), então a gente pode sair, [...] e se eu preciso ir no médico para a minha filha, eu posso sair sem aquele medo de ser despedida por causa de atestados, né?”

Ela também conta como os primeiros anos como mãe impactaram sua produção científica:

“Então, eu fiquei dois anos em ‘stand by’. [...] não tinha nem cabeça para sentar e escrever um artigo, olhar os dados do mestrado, doutorado, ver o que eu posso escrever. [...]”

Por fim, Mileva relatou que uma amiga havia participado recentemente de um processo seletivo para bolsa de estágio pós-doutoral e foi questionada pela banca se pretendia engravidar, porque eles não queriam que a futura bolsista engravidasse. Fulana disse que se fosse com ela própria, já estaria excluída por ser mãe.

Andrea, 30 anos, doutoranda, engravidou ainda no primeiro semestre da graduação e teve que lidar com diversas situações. Por não ter rede de apoio - já que sua família era de outro estado - e depender de bolsas para se manter na universidade, durante um certo tempo ela não teve com quem deixar o seu filho e o levava para a universidade, o que nem sempre era bem visto por alunos e professores, conforme ela afirma:

“... eu comecei a entender que ele também não era bem-vindo. [...] eu fiquei com ele uma vez num auditório, já que nenhuma sala de estudo dava para ficar com ele, na biblioteca lá do próprio programa também não dava [...] e aí a esposa do coordenador, ela teve a audácia de abrir a porta e comentar ‘ah, você tá aí... ele tem uma voz grossa, né?’ Aí ela fechou a porta e saiu. Aí eu falei assim: ‘ah tá, acho que tá (fazendo) barulho’...”

Ela ainda relata a falta de assistência pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) da universidade que se negou a dar a ela uma assistência creche, o que seria um dos seus direitos por ser estudante de baixa renda. Ela relata que a universidade justificou a ausência de tal auxílio devido à baixa demanda e que, por isso, o dinheiro era destinado a outras questões.

Anne, 50 anos, professora do Ensino Superior, teve dois filhos, sendo um durante a graduação e outro durante o doutorado. Destacaremos aqui a situação vivida no doutorado pois o orientador dela a impediu de participar de um congresso enquanto ela estava grávida e decidiu logo em seguida não a orientar mais, conforme ela relata:

“engravidar pela segunda vez, né? No meio do doutorado. O meu orientador que tinha um problema em relação a isso porque não podia ter filho, [...] não quis mais me orientar. Então teve uma ocasião que eu ia para [...] com tudo pago [...] já tinha mandado trabalho, já tinha sido aceito, cheguei na sala dele e disse que eu tava indo e eu ia pegar a passagem para mim. [...] ele me olhou e disse: assim não, tu não vai.[...] e eu não fui. [...] Bom, [...] aí em seguida, ele foi para uma reunião deles lá e não quis mais me orientar.”

Implicações da pesquisa

Um ponto em comum levantado por quase todas as mães entrevistadas foi a falta de apoio dos institutos e departamentos nos momentos em que elas mais necessitaram.

Com essa pesquisa buscamos refletir porque a academia ainda dificulta que as mulheres possam conciliar de forma menos dura o avanço nos estudos com suas questões familiares. É urgente pensar na maternidade não como um problema, mas como uma etapa natural na vida de muitas pessoas e que estas pessoas podem continuar contribuindo para a ciência se tiverem o apoio de suas instituições e da sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Ana Regina Gomes, STANISCUASKI, Fernanda, BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes. **O perfil das mulheres bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq de Física e Enfermagem: trajetórias acadêmicas distintas.** XIV ENPEC, Caldas Novas, 2023.

BRITO, Carolina; MENEZES, Débora P.; ANTENEODO, Celia. **20 anos das bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq: houve avanço na diversidade geográfica e de sexo na área de física?** Site da Sociedade Brasileira de Física, 2022.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MEYER, Dagmar Estermann; DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin. A politização contemporânea do feminino e da maternidade. como se atualiza uma tese? In SEFFENER, Fernando, FELPE, Jane. **Educação, gênero e sexualidade (im)pertinências.** Petrópolis: Vozes, 2022.p.23-55.